

A Crise Nacional



Os homens, que dirigem a *Seara Nova*, convenceram-se de que a abstenção e o isolamento perante a angustiosa crise nacional eram tão indignos de criaturas na plena consciencia dos seus deveres como perigosos para os seus direitos mais sagrados. Entendem eles, além disso, que todas as nações são organismos característicos, com problemas e soluções próprias. Resolveram, pois, agrupar-se para estudar em comum as causas da crise da sociedade portuguesa e os remedios mais eficazes para a debelar.

Conscios das suas responsabilidades, não querem dar-se apenas à tarefa fácil, mas perigosa, de criticar pelo mero prazer de destruir. Propõem-se actuar e construir válidamente desde os alicerces. Vão discutir e apresentar nesta revista um plano de reformas, tão completo quanto o permitam as suas capacidades, o grave condicionamento externo da politica nacional e o estado de renovação intensa em que se agita todo o mundo.

O estado da sociedade portuguesa

Vivemos num ambiente espesso de mentiras.

Um dos maiores sintomas da debilidade nacional é o receio de encarar a verdade, frente a frente. Uma espécie de letargia colectiva furtanos a razão ao contacto das próprias realidades. Começamos, pois, por dizer a verdade nua e crúa. Lançando os olhos para os aspectos mais flagrantes da crise nacional, ressaltam logo os sintomas duma situação económica terrível. A carestia da vida aumenta sem cessar. Os géneros escasseiam ou são falsificados. As relações entre consumidor e comerciante tornam-se a cada passo do lado dos primeiros em assalto ao produto e duma grande parte dos segundos em especulação desenfreada, pelo açambarcamento e o uso dos mais ilegítimos processos para enriquecer depressa. Daí o agravamento do pauperismo até à miséria extrema dum lado, e do outro o estadear dum luxo delirante.

Se olharmos aos aspectos da vida social, não é menor a crise. A luta de classes assume com fre-

quência um caracter de irredutibilidade e ódio. As greves sucedem-se, entremeadas de episódios sangrentos. As classes médias e as profissões liberais debatem-se em condições precaríssimas de vida. A mortalidade infantil e os estragos pela tuberculose aumentam dia a dia. E um delírio de ganancia, um insofrido desejo de exceder a esfera própria se apoderou de quasi todas as classes sociais.

A essas duas crises liga-se logicamente uma crise moral profunda. Também aí não faltam os sintomas. A venalidade no exercicio das funções dirigentes, o cinismo burlão de certos meios financeiros assumiram o aspecto da dissolução mais baixa. Muitos dos chamados órgãos da opinião publica estão claramente amordaçados pelas oligarquias do dinheiro. O jogo e a prostituição exacerbaram-se. Cresceu a vagabundagem infantil. Perdeu-se ou aviltou-se o sentimento religioso sem que o tenha substituído outro ideal humano, vasto e desinteressado. E uma descrença profunda de todos e de tudo, uma resignação apática e servil vão-se transformando, a pouco e pouco, na descida, de olhos e ouvidos tapados, para o fundo.

Por detraz destes sintomas, a gerá-los, existem essencialmente um *deficit* de trabalho e produção, uma distribuição pessima da riqueza e a subordinação dos interesses colectivos aos individuais.

Causas internas e históricas

A crise vem de longe. Já no reinado de D. Manuel os mesmos estrangeiros, que, alguns anos antes, vinham a Lisboa para carregar trigo, vêm trazer-nos os géneros alimentícios, a troca das especiarias orientais. Desde então abandonamos o esforço productivo pelos ganhos faceis da conquista. O desenvolvimento vigoroso das classes, que até ao século xv se operou gradualmente, sob a base da terra e do trabalho, retrocede de súbito. Em troca desse esforçado labutar na terra própria, entregamo-nos de todo à exploração da alheia. Portugal encheu-se de riquezas, trazida

de toda a parte. Mas o trabalho são, a exploração das riquezas naturais e a organização das classes definham quasi por inteiro.

Exgotados os tributos do Oriente, estancaram-se as minas do Brasil; e o parasitismo começou a organizar-se sob a forma dos conventos, estufa de ociosos, cultivando em torno a mendicidade natural. A breve trecho, ao Estado comerciante e expoliador seguiu-se o Estado-asilo. O comunismo monastico tornou-se em comunismo burocrático passando a ser "o caldo das secretarias distribuido pelos governos, como o caldo das portarias o fôra outrora pelas comunidades". Os hábitos de ociosidade arraigados por uma cultura de séculos, que de guerreira se volveu em monástica, architectaram todo o sistema social. Abandonados a terra e o trabalho, atrofiaram-se as provincias, e Lisboa, onde se concentrou quasi toda a vida nacional, engrandece dia a dia. O antigo Portugal, sadio e forte, volveu-se num corpo de pigmeu, com uma cabeça imensa e desvairada. Ao fim caiu em puro autofagismo; devorava-se a si próprio.

O parasitismo, eis o grande mal. E, como o trabalho é a condição da liberdade e sem verdadeira liberdade não ha opinião pública, Portugal tornou-se um viveiro de oligarquias: à cubica duma meia duzia subordinam-se os interesses de seis milhões de portugueses.

Causas externas e mundiais

Esta a velha crise da nacionalidade, que os ultimos anos de constitucionalismo e de República levaram quasi ao desespero. Mas hoje, depois da grande guerra, a essa veio sobrepôr-se uma outra, comunicada do exterior, a crise social europeia, tão aguda e violenta como aquela. As duas, porque implicam no fundo um problema de trabalho, multiplicam-se em perspectivas de pavor.

A vitória dos aliados, por mais que o tentem iludir os seus próprios dirigentes, é afinal a vitória dos principios de justiça, que durante um século se afiguraram suspeitos de utopismo ingenuo. A totalidade da história intensificou e esclareceu nos campos de batalha o sentido profundo. Há três ou quatro anos que a Europa está em revolução lenta. Na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na França, na Romenia o regime da propriedade sofre dia a dia alterações profundas. De maneira que, tendo as duas crises um caracter de trabalho, o esforço inteligente dos politicos deve tender para resolver essa grave questão

e satisfazer quanto possível as reclamações das classes trabalhadoras em geral. Estas duas crises esclarecendo todo o problema nacional devem influir solidariamente qualquer plano de reformas.

A organização política

Que tem feito ou que fazem os politicos?

Representantes duma sociedade em crise, enfermam em geral dos mesmos vicios. Continúa a ser má a organização partidária da República. Aos partidos falta essencialmente a unidade moral e directiva que advem dos principios. Os governos, tantas vezes recrutados na mais irrisória das incompetencias, iludem quasi sempre com expedientes e modificações de superficie muitas das mais sagradas promessas feitas nos bons tempos. Sucedem-se uns aos outros e os problemas da maior urgência continuam insolúveis. Enquanto um partido ou um grupo de partidários diferentes está no poder, vêem-se os outros com frequência gastar todos os seus esforços em dispor a casca da laranja, que os ha de fazer tombar.

E o parlamento? Esse canta mas não produz: é a grande cigarra nacional, símbolo da falência colectiva.

Que espanta, assim, que a cadeia das mentiras e das contradições individuais ou colectivas tenha aumentado a cada passo?

"Com capacidade territorial dentro do país para alimentar 15 milhões de habitantes, não alimentamos a terça parte." (A. d'Andrade). "Podendo após três anos de trabalho forte e bem organizado garantir a nossa independência económica, há três séculos que nos falta o pão de cada dia." (Ezequiel de Campos). "Com um domínio ultramarino vinte vezes mais extenso que a metrópole, por tal maneira estão estabelecidas as suas mútuas relações, que nem as colónias servem a metrópole nem esta serve as colónias..." (A. d'Andrade). Prégamos, desde longa data, contra a chaga roedora do burocratismo e aumentamos nos últimos tempos os quadros do funcionalismo, em proporções delirantes. Combatemos em França contra o militarismo, para no regresso estadearmos uma organização militar, que absorve só por si a quasi totalidade das receitas do Estado. Ainda há pouco tempo discutíamos o *superavit* e há um ano a esta parte que nos ameaça a suspensão de pagamentos.

Eis ao que chegamos. As outras nações voltam olhos atentos e inquietos para aqui.

Os nossos diplomatas ou vêm mostrar aqui o seu alarme ou bradam lá de fóra, com todo o peso das suas responsabilidades: "Cuidado! Cautela! Os pequenos incendios apagam-se com pouca água!" Todavia, no *forum* de S. Bento, salvo algumas raras e honrosas excepções, os nossos legisladores, debruçados sobre o taboleiro dos pequenos interesses, cuidam apenas em fazer avançar a sua pedra.

A continuar assim, a pouco e pouco deslanchados a confiança, o respeito mutuo e a disciplina moral, o que nos espera? Depois dalguns dias de desordem sanguinária, em que todos, todos temos a perder, a tutela estrangeira, clara ou disfarçada. E após a sugeição miseravel em que fatalmente caem os povos que não trabalham, nem sabem conduzir-se. Acaso, o destino dum Egito escravizado, dum povo de *fellahs* trabalhando à força e a quem restem ao fim algumas páginas fortes no Passado, espécie de Pirâmides grandiosas, para alimentar o pasmo dos extranhos e, talvez ainda então, a retórica dos naturais.

Sintomas de vida

Não se diga, todavia, que se perderam todas as esperanças. Alguns sintomas debeis indicam um despertar das velhas energias. Nos últimos tempos as classes teem procurado organizar-se. Aqui e ali, nota-se uma intensificação na iniciativa particular. Homens ou grupos de homens isolados trabalham silenciosamente em obras de puro interesse colectivo. Contra a especulação e a carestia da vida deu-se uma reacção pelo incremento do cooperativismo. As províncias reagem em congressos regionais contra a absorpção do poder central. A nação fatigada repele todas as lutas fratricidas. E os mesmos governos, convencidos da gravidade da situação, mas sem o impulso e a força que dão os grandes movimentos de opinião, anunciam reformas... que ainda não passaram do papel.

A missão da "Seara Nova"

Os homens que dirigem a *Seara Nova*, nunca será demasiado repeti-lo, não pretendem o mando, nem se movem por ambições políticas pessoais. Todos eles sacrificam ás angústias do presente as suas predilecções de trabalhadores do espirito. Querem, quando menos, salvar a tranquillidade das suas consciências. Não desejando formar partido, não vêm fazer guerra aos par-

tidos. Querem, sim, unir os esforços e as boas vontades isoladas, para uma acção comum. Querem formar, como base indispensavel de toda a salvação, uma opinião pública consciente, clamorosa, insofismavelmente imperativa, que escolha os verdadeiros chefes e exija uma governação com fins de puro interesse nacional. Sabem que, sem isso, não há revoluções nem reformas que valham.

A obra que se impõe exige um tal heroismo da vontade, uma tão grande pureza de intenções e um tamanho espirito de sacrificio, tanto dos dirigentes como dos dirigidos, que só a formação duma nova mentalidade, dum novo e abraçado desejo, pode determinar a sua realização inteira. Sem a colaboração do tempo não há obras perfectas. Uma concentração de tropas na Rotunda pode dar quando muito uma mudança de cenário político. Mas a resolução profunda das ideias e processos, a que nós aspiramos, demanda a lenta fecundação das almas.

Estamos convencidos de que surgimos na hora própria. A aspiração indefinida das consciências está cansada e desiludida com as sucessivas falsificações do ideal republicano.

E' uma renovação inteira desse ideal, que pretendemos. Aos puros, aos fortes, aos generosos, aos que sabem crer e esperar nos dirigimos para que nos auxiliem, e oferecemos o melhor dos ensinos para se excederem, medindo o seu esforço e a sua audácia pela mais árdua e alta das tarefas a cumprir. Pois só um levantamento idealista das almas, abrazadas em fé, e prontas a todo o sacrificio, em compreensão e desejo pleno, nos poderá salvar.

JAIME CORTEZÃO

Nota.—Tinhamos escrito estas palavras, antes dos ultimos acontecimentos revolucionários. Não temos que alterar uma única. Ao contrario, aqueles factos vieram confirmar e agravar muitas das nossas afirmações. Cremos, ao invéz dos dirigentes revolucionários, que a crise nacional se agravou temerosamente nestes dias. A boa vontade dos homens não pode modificar dum dia para o outro os vicios e defeitos, que representam a obra e a infiltração dos anos ou dos seculos.

Referimo-nos atraz ao desfecho que a crise nacional fatalmente ha de ter, se a tempo não nos emendarmos:—"depois dalguns dias de desordem sanguinaria, em que todos, todos temos a perder, a tutela estrangeira, clara ou disfarçada". Não estavamos, todavia, convencidos que os factos viessem confirmar tão completamente essas palavras. Os crimes da noite de 19 de Outubro, que vitimaram desde um presidente de ministerio a um operario, seguidos dos "desejos" do corpo diplomatico devem bastar como sinal e amostra, para convencer os mais incrédulos da inadiavel urgencia de mudar inteiramente de caminho.